MONITOR

Nº 1 - Dezembro, 2015

Globalização e concentração no sistema agroalimentar brasileiro

RESUMO

1) O setor reúne atividades tão diversas como venda e processamento de grãos e carnes, laticínios, doces e pratos prontos congelados. O faturamento chegou a R$ 525 bilhões em 2014, com 1,6 milhão de empregados.

2) Índices de concentração CR4 e CR8 apontam para dois ciclos distintos nas duas últimas décadas. Um primeiro, fruto da abertura do governo Collor e do Plano Real, reforçou o processo de fusões e aquisições.A partir de 2004, porém, o grau de concentração passou a cair.

3) Ainda que ganhos de eficiência possam beneficiar o consumidor, agricultor e trabalhador do campo estão submetidos a um conjunto de pressões competitivas com cujos impactos socioeconômicos são dramáticos.

A **Repórter Brasil** apresenta ao público o primeiro número do **Monitor**, nova publicação eletrônica que oferecerá, periodicamente, os resultados das pesquisas setoriais e dos estudos de cadeia produtiva conduzidos pela organização.

Esta primeira edição, realizada com apoio da Fundação Friedrich Ebert, Sigrid Rausing Trust e União Europeia, traz uma análise de caráter exploratório das dinâmicas do processo de globalização e concentração do setor agroalimentar brasileiro, entre 1995 e 2014.

Fusões como a de Sadia e Perdigão, em 2008, receberam enorme publicidade, mas foram só a ponta do iceberg. O levantamento de dados econômicos da empresas e o uso de indicadores permitiram mapear a dinâmica da concentração corporativa no período, assim como revelaram que esse processo não é absoluto – e experimentou reviravoltas.

Uma análise sobre a criação de megagrupos empresariais ganha mais importância quando se exploram os impactos gerados por esse processo sobre outros atores relevantes do sistema agroalimentar, como agricultores e consumidores.

Ainda que analisadas perifericamente no trabalho, as questões levantadas a esse respeito preenchem um novo horizonte de possibilidades a respeito de estudos sobre preço dos alimentos, êxodo rural e condições de trabalho no campo, que necessitam serem esmiuçadas pela sociedade civil cada vez mais.

Marcel Gomes

Secretário-executivo da Repórter Brasil

Repórter Brasil

FRIEDRICH EBERT STIFTUNG

Apresentação

A conformação de megagrupos empresariais, em especial aqueles voltados à exportação de commodities, é um dos mais visíveis resultados das transformações por que passou a indústria brasileira de alimentação nas duas últimas décadas, iniciadas no marco do Plano Real.

Fusões e aquisições, como a da Sadia com a Perdigão, registrada no ano de 2008, constituíram-se nas operações mais midiáticas a marcarem esse processo, mas não as únicas.

SETOR É RESPONSÁVEL POR 10% DO PIB DO PAÍS

O início do ciclo de alta dos preços das commodities, a partir de 2002, também estimulou investidores a criarem novos negócios no país, para atender não só a crescente demanda externa, mas também a ascendente classe média nacional.

Além disso, a profissionalização e/ou melhoria da gestão do comando de tradicionais cooperativas agropecuárias posicionou esses grupos em outro patamar. Associações de produtores passaram a enfrentar com mais chances de sucesso tradings internacionais, na atividade exportadora, e processadoras de alimentos, na comercialização de bens de consumo.

Os números mais recentes revelam o peso da indústria de alimentação na economia brasileira. O setor, que reúne atividades tão diversas como venda e processamento de grãos e carnes, laticínios, doces e pratos prontos congelados, faturou R$ 525 bilhões em 2014 e gerou 1,6 milhão de empregos, segundo a Associação Brasileira das Indústrias da Alimentação (Abia).

A parcela do setor no Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro tem se mantido estável, próximo ao patamar de 10%. Entretanto, cresceu sua participação dentro da indústria de transformação, de 16,9%, em 2004, para 20,2%, em 2014 – por um lado, sinal do aumento da importância das commodities para a economia brasileira, por outro, das dificuldades por que passam outros setores industriais do país.

A questão que se levanta diante do avanço dos megagrupos empresariais do setor de alimentação passa pelos impactos gerados por esse processo sobre os outros atores relevantes do chamado sistema agroalimentar, como agricultores, trabalhadores e consumidores. Temas relacionados a preço dos produtos pago ao produtor, êxodo rural e condições de trabalho no campo, entre tantos outros, estão no radar dos esforços de pesquisa da academia e da sociedade civil.

Esses pontos serão discutidos mais adiante neste estudo, que antes apresentará um raio-x da indústria de alimentação no país. Trata-se de uma análise de caráter exploratório, cujo foco recairá sobre o processo de concentração do setor, e o cálculo de índices que podem confirmar ou desmentir esse processo.

"Globalização e concentração no sistema agroalimentar brasileiro"

Autor

Marcel Gomes

Contato

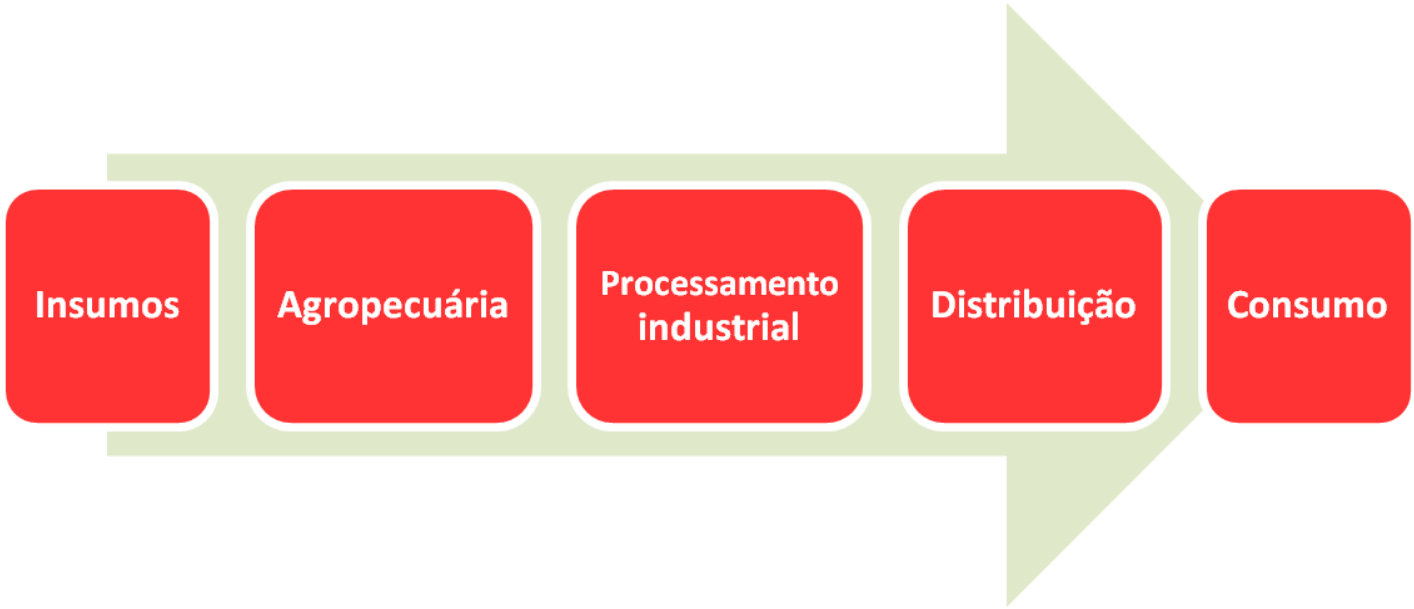
marcel@reporterbrasil.org.br

A indústria da alimentação

A indústria de alimentação é parte constituinte do sistema agroalimentar, como revela o diagrama a seguir. Localizada na parte intermediária da cadeia produtiva, encarregada do processamento dos alimentos, sua zona de influência alcança outros atores de diversas maneiras.

canais próprios de distribuição, incluindo pontos de varejo, com o objetivo de atingir diretamente o consumidor final.

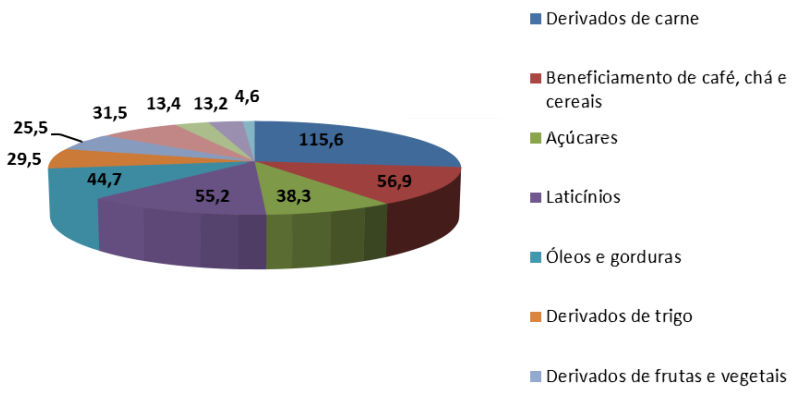
Essas características fazem dessa indústria uma personagem relevante para o destino dos demais atores do sistema, justificando a atenção que lhe tem sido dada pelas autoridades regulatórias quando de processos de fusão ou aquisição. Em episódios recentes, avaliou-se o impacto desses negócios diante do interesse do consumidor comum.



Uma processadora de soja, por exemplo, financia produtores rurais, oferecendo a eles os chamados pacotes tecnológicos de insumos, em troca da entrega do produto após a colheita. Ou ainda: grandes cooperativas de alimentos possuem

A **imagem abaixo** a detalha a natureza diversificada dessa indústria, bem como o faturamento de cada ramo de atividade em 2014, segundo a Abia. A produção de derivados de carnes registrou o maior faturamento no período, de R$ 115,6 bilhões.

FATURAMENTO DA INDÚSTRIA DE ALIMENTOS (EM BI DE R$)



A produção de derivados de carnes registrou o maior faturamento (R$ 115,6 bilhões), seguido por beneficiamento de café, chá e cereais (R$ 56,9 bilhões), laticínios (R$ 55,2 bilhões), óleos e gorduras (R$ 44,7 bilhões) e açúcares (R$ 38,3 bilhões).

São setores em que o Brasil tem destaque no comércio global. O país é o maior produtor e exportador do mundo de açúcar, café, soja e suco de laranja. No mercado de carnes, é o maior exportador de aves, o segundo maior de carne bovina e o quarto de suína.

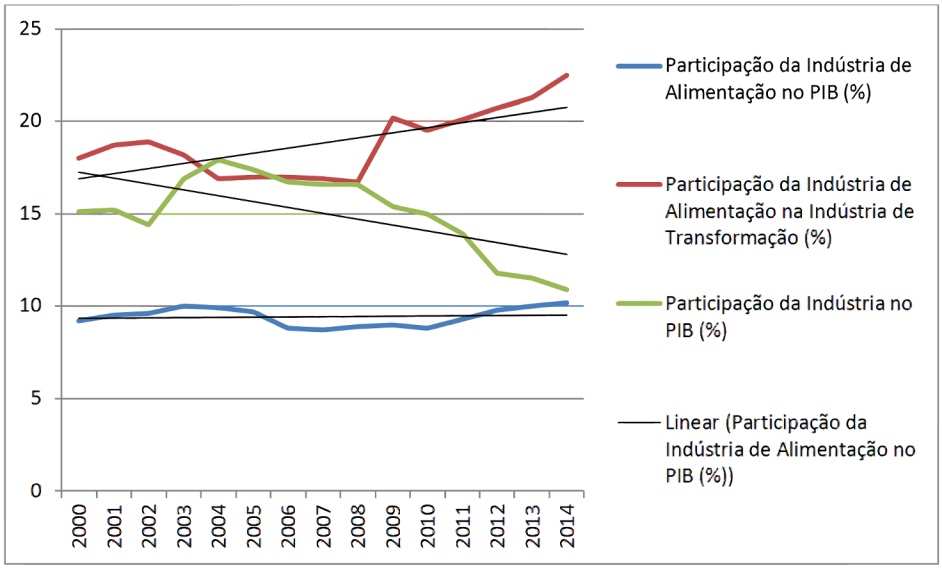
O **gráfico acima** destaca o peso da indústria de alimentação para a economia. Apesar da queda da participação da indústria em geral no PIB brasileiro nos últimos quinze anos, o setor de alimentação cresceu e conseguiu manter sua participação relativa em torno de 10% do PIB. Os dados são da Abia.

PESO DO SETOR DE ALIMENTAÇÃO NO PIB INDUSTRIAL DO PAÍS AUMENTOU

Por um lado, esse resultado sinaliza o quão competitivo é o complexo industrial brasileiro para produção de alimentos. O "Relatório FAO OCDE 2015-2024" *(nota 1)*, em que a FAO e a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) analisam as perspectivas da agricultura brasileira, projeta que o país pode se tornar o maior exportador global de alimentos em dez anos.

Mas há um outro lado dessa história que deve ser considerado. O aumento do peso relativo do setor de alimentação no PIB industrial tem sido criticado por observadores como um sinal de "primarização" da economia brasileira. Produtos de maior valor agregado perderam espaço na pauta de exportação durante o ciclo de alta das commodities, levantando a questão sobre como a economia no país seria impactada quando esse ciclo se encerrasse.

Indústria de Alimentos - Dados relacionados (%)



Concentração setorial

O estudo do nível de concentração de determinados setores da economia, em especial da indústria, difundiram-se no país a partir da abertura do mercado nacional, na década de noventa. A multiplicação dos processos de fusão e aquisição reforçou a importância da análise sobre práticas oligopolistas e concorrenciais em determinados setores, em seus aspectos sociais, econômicos e legais.

Segundo Scherer e Ross (1990) *(nota 2)*, quando as quatro maiores firmas de um setor controlam mais de 40% da produção dele, aumenta a probabilidade de existirem comportamentos oligopolísticos nesse setor. Isso significa maior controle de preços de insumos pagos a fornecedores e preços dos

produtos oferecidos aos consumidores.

Os autores ressaltam, porém, que nem sempre a concentração pode gerar práticas oligopolistas. Como tem argumentado o Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) em várias decisões sobre processos de fusão e aquisição no país, a concentração pode trazer benefícios econômicos, inclusive aos preços oferecidos ao consumidor. Isso ocorreria pelos ganhos obtidos por economia de escala, inovações tecnológicas e modernização das empresas líderes.

CR4 E CR8 MEDEM MERCADO DETIDO POR MAIORES GRUPOS

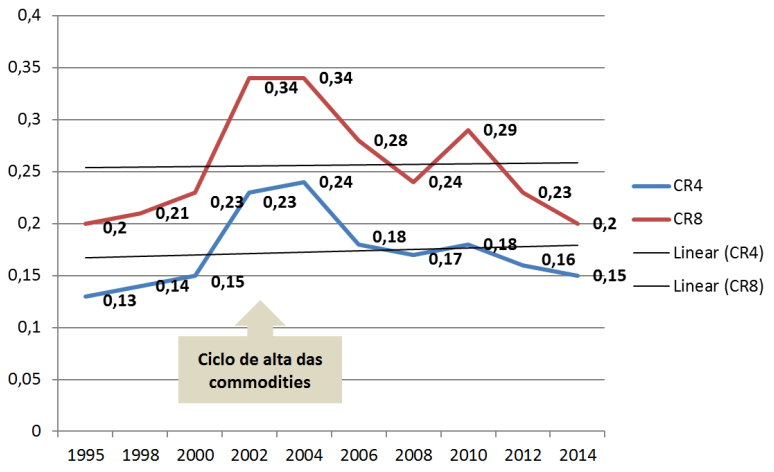
Antes de discutir esse aspecto da indústria de alimentação, é preciso, primeiro, compreender o que se tem passado com o setor em termos de concentração. Para isso, serão utilizados os índices CR4 e CR8, bastante empregados em análises do tipo. Esses indicadores medem a porcentagem de mercado que é detida pelas maiores empresas – no caso do CR4, as quatro maiores, e no do CR8, as oito maiores.

De modo geral, pode-se apontar que CR4 de 0 = competição perfeita; CR4 entre 0 e 0,49 = baixa concentração; CR4 entre 0,5 e 0,79 = média concentração; CR4 entre 0,8 e 0,99 = alta concentração; e CR4 de 1 = monopólio. Para que os cálculos tornassem-se possíveis, várias bases de dados foram levantadas. A série histórica do faturamento das empresas foi organizada a partir das informações da pesquisa Maiores e Melhores, produzida pelo instituto Fipecafi e divulgada pela revista Exame anualmente. O faturamento da indústria de alimentação foi obtido através de informações do Banco Central e da Abia. Os cálculos resultaram no gráfico apresentado abaixo.

Os índices CR4 e CR8 revelam comportamentos muito semelhantes e indicam a ocorrência de dois ciclos distintos nas duas últimas décadas. Um primeiro, fruto da abertura econômica incentivada pelo governo Collor e o Plano Real, reforçou o processo de concentração. O CR4, por exemplo, saltou de 0,2 para 0,34 entre 1995 e 2004, o que significa que as quatro maiores empresas do setor de alimentação elevaram o controle do faturamento total do mercado de 20% a 34%. Em 1995, os quatro maiores grupos eram Nestlé, Unilever, Copersucar, Bunge, nesta ordem; em 2004, passaram a ser Bunge, JBS, BRF, Cargill, nesta ordem.

Segundo informações da consultoria KPMG, entre 1992 e 2004 a indústria de alimentação foi o setor que mais empreendeu fusões e aquisições, com 388 casos, 11,4% do total nacional. Multiplicam-se, assim, os conglomerados alimentícios, praticamente inexistentes até início de 1990.

ÍNDICES DE CONCENTRAÇÃO NA INDÚSTRIA DE ALIMENTOS



A partir de 2004, porém, o grau de concentração passou a cair. O CR4 de 2014 voltou ao patamar de 20 anos antes (0,2), e o CR8 chegou perto (0,15 ante 0,13 em 1995). A nova fase pode ser associada ao início do ciclo de alta dos preços das commodities, em 2002. Esse processo incentivou o desembarque de novos players internacionais e a abertura de mais negócios, favorecendo a desconcentração industrial.

Além disso, um outro fenômeno colaborou para essa tendência: o fortalecimento das cooperativas agroindustriais, inspiradas no chamado modelo de "nova geração". Com gestão profissionalizada e foco não apenas nos interesses do produtor, mas também nos resultados do negócio, elas subiram degraus entre os grandes grupos que trabalham no setor de alimentação no Brasil.

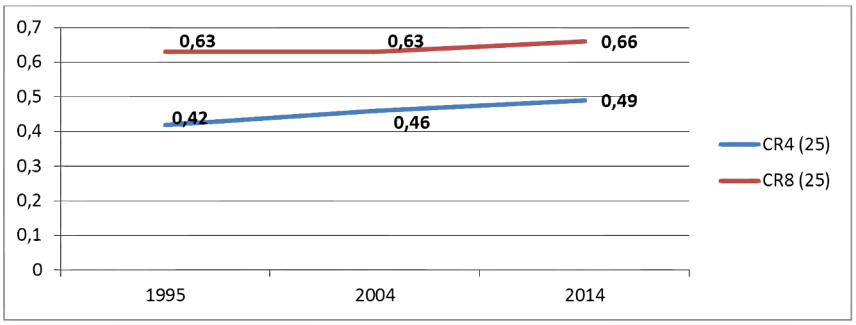
COOPERATIVAS ESTÃO NO ROL DOS MAIORES GRUPOS

Cooperativas como Coamo (Campo Mourão, PR), Aurora (Chapecó, SC), Cocamar (Maringá, PR) e Comigo (Rio Verde, GO) colocaram-se, em 2014, na lista dos 25 maiores grupos do setor de alimentação no Brasil, operando não apenas no negócio de venda de commodities, mas também no processamento de alimentos para o consumidor final.

Entretanto, a tendência de desconcentração na indústria de alimentação em geral a partir de 2004 não impediu que, em setores específicos, o processo tenha se mantido e até acentuado. O setor de carnes é o melhor exemplo disso. Em 2008, Sadia e Perdigão se fundiram, criando a BR Foods, uma das maiores exportadoras do Brasil *(nota 3)*. Em 2010, JBS e Bertin se uniram na maior empresa de carnes do mundo *(nota 4)*. O CR4 para carnes atingiu 0,52 em 2014, bem acima do índice geral.

Além disso, quando se analisam os dados apenas entre os 25 maiores grupos, nota-se que há uma leve tendência em favor da concentração. O índice CR4 saltou de 0,63 para 0,66 em duas décadas, e o CR8, de 0,42 para 0,49, como revela o **gráfico acima**.

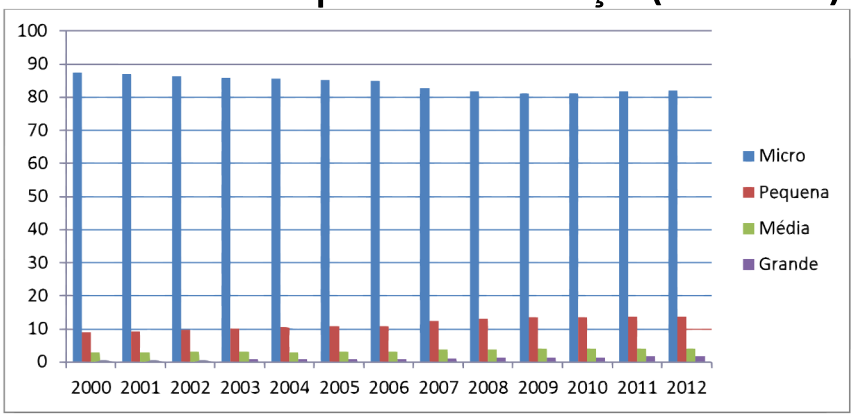
Indústria da Alimentação - CR4 (25) e CR8 (25)



Confirmando a dinâmica dos maiores grupos econômicos, o **gráfico abaixo** revela que o segmento das grandes empresas de alimentação foi o que mais cresceu nos últimos anos, saltando de 0,6% do total de estabelecimentos do setor para 1,8%.

O segmento das pequenas e médias empresas também avançou, mas em menor intensidade, e o das microempresas diminui. No total, há cerca de 33 mil empresas da indústria de alimentação no país, segundo a associação do setor.

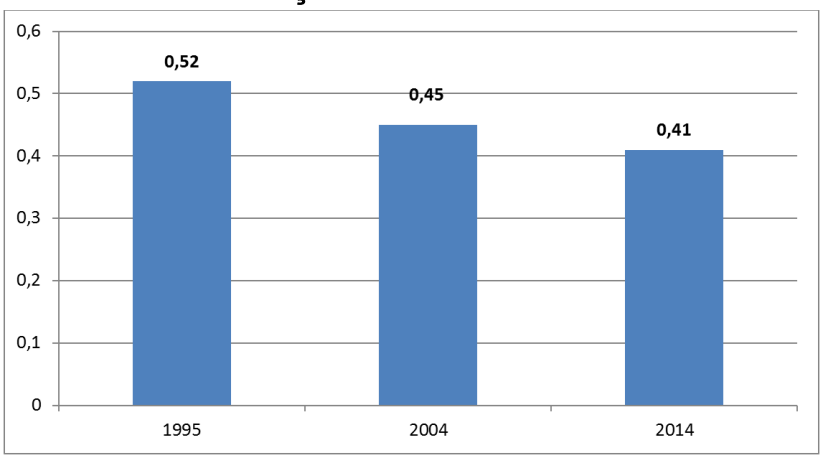
Porte das empresas - Alimentação (% do total)



Por fim, cabe uma análise sobre o processo de internacionalização da economia brasileira e sua relação com a indústria de alimentação em geral.

Os **dados apresentados abaixo** revelam que, apesar de grandes companhias globais como Bunge, Cargill e Nestlé, terem ampliado seus negócios no país nos últimos anos, isso não foi capaz de elevar o patamar de internacionalização da indústria de alimentação, ao menos quando se consideram os 25 maiores grupos.

Internacionalização – % vendas das 25 maiores



Ao contrário, o gráfico revela que as companhias estrangeiras perderam espaço no faturamento do setor, de 52% do total, em 1995, para 41% do total, em 2014. Além da consolidação de grandes grupos de capital nacional, como JBS e BRF, essa tendência parece ter relação ao próprio fortalecimento das cooperativas agropecuárias, fato já mencionado anteriormente.

NOTAS

1) http://g1.globo.com/economia/agronegocios/noticia/2015/08/fao-cita-brasil-como-candidato-a-futuro-maior-exportador-de-alimentos.html

2) Scherer, F.M. & Ross, David. Industrial market structure and economic performance. 3 ed. Boston: Houghton Mifflin Company, 1990. In Leite, A, Santana, E. Índices de concentração na indústria de papel e celulose. Artigo disponível http://www.abepro.org.br/biblioteca/ENEGEP1998_ART158.pdf

3) http://oglobo.globo.com/economia/sadia-perdigao-anunciam-oficialmente-fusao-criam-brasil-foods-3153057

4) http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2013/04/1264334-cade-aprova-fusao-e-jbs-e-bertin-formam-a-maior-empresa-de-carnes-do-mundo.shtml

5) Flexor, Georges. A Globalização do Sistema Agroalimentar e seus Desafios para o Brasil. Economia-Ensaios, Uberlândia, 20(2) e 21(1): 63-95, jul./dez. 2006

6) Umbelino Oliveira, A. Agricultura e indústria no Brasil. Revista de Geografia Agrária, v.5, n.10, p. 5-64, ago. 2010.

7) Viegas, C. Fusões e Aquisições na Indústria de Alimentos e Bebidas no Brasil. Tese de doutorado. 2006. FEA-USP

Perdas e ganhos

O processo de concentração industrial no setor agroalimentar pode levar a práticas oligopolistas que geram prejuízos à sociedade, em especial aos pequenos agricultores. Ao estudar o tema, Flexor (2006) *(nota 5)* reconhece o efeito negativo desse processo, principalmente sobre o produtor menos capitalizado. Este se encontra, diz o pesquisador, submetido a um conjunto de pressões competitivas cujos impactos sociais e econômicos são dramáticos.

Na mesma linha, Umbelino Oliveira (2010) *(nota 6)* reforça que a expansão do modo capitalista de produção no campo se dá primeiro pela sujeição da renda da terra ao capital, quer comprando áreas para explorar ou vender, quer subordinando a produção do tipo camponês.

"No processo contraditório de apropriação da renda da terra pelo capital, assistimos, de um lado, a unificação do proprietário e do capitalista numa mesma pessoa; de outro, o processo de sujeição da renda ao capital nos setores de produção não capitalistas, por exemplo, no caso da propriedade familiar de tipo camponês. Nesse caso há sujeição da renda da terra ao capital sem que se dê a expropriação dos instrumentos de produção", afirma.

Um caso clássico que ilustra esse processo é o dos integrados da indústria de aves do sul do Brasil. Por trás de uma indústria que fatura bilhões, há milhares de agricultores familiares presos a contratos firmados com frigoríficos – muitos mal remunerados e endividados.

Entretanto, a literatura também aponta efeitos positivos trazidos pela concentração industrial, o que amplia a complexidade analítica da questão. O próprio Flexor (2006) destaca que a transnacionalização do sistema agroalimentar do Brasil tem, de fato, prováveis efeitos externos positivos. "Os vazamentos (spillovers) tecnológicos ou gerenciais e a maior articulação com os mercados externos parecem ser os mais concretos", diz ele.

CONCENTRAÇÃO PODE PREJUDICAR AGRICULTOR

Já Viegas (2006) *(nota 7)*, que analisou a evolução do índice de preços de alimentos industrializados na década de noventa, aponta que essas cotações subiram menos do que os índices gerais. Assim, ele conclui que "o repasse de ganhos de eficiência obtidos com fusões e aquisições pode pressionar negativamente os preços ao consumidor". Ou seja, o efeito "eficiência" teria falado mais alto do que o efeito "poder de mercado".

Tal contexto em que uns perdem e outros ganham expõe um campo de batalhas que, sem dúvida, necessitará de novas incursões investigativas para ser mapeado.

EXPEDIENTE

Repórter Brasil - Organização de Comunicação e Projetos Sociais

Coordenador geral
Leonardo Sakamoto

Secretário-executivo
Marcel Gomes

Conteúdo licenciado em Creative Commons, licença 2.0 - a reprodução é livre, desde que citada a fonte. Esta publicação foi apoiada por Fundação Friedrich Ebert e União Europeia (Projeto "Fair Super Brands")

Endereço Rua Bruxelas, 169. São Paulo-SP
CEP 01259-020 Telefone 11 2506-6570